



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14712 - Resumo Expandido - Trabalho - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)
ISSN: 2595-7945
GT 12 - Currículo

CURRÍCULO EM MOVIMENTO NA ESCOLA INDÍGENA NŪTAJENSU
Rita de Cássia Beck de Oliveira - UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO - UNEMAT
Maritza Maciel Castrillon Maldonado - UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

CURRÍCULO EM MOVIMENTO NA ESCOLA INDÍGENA NŪTAJENSU

Este texto versa sobre a pesquisa de dissertação de mestrado a respeito do currículo em movimento, o currículo nos/dos cotidianos das crianças indígenas Katitãuhlu, habitantes do Território Indígena Sararé e Paukalirajausu, situado no município de Conquista D'Oeste no Estado de Mato Grosso.

Utilizou-se da cartografia proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), como procedimento de pesquisa. Para os filósofos franceses, a pesquisa cartográfica não tem um fim, pois suas linhas e fissuras se constroem e reconstroem em seus movimentos imanentes, de modo que vão se transformando diante dos olhos do pesquisador, até que este se permita trocar suas lentes e enxergar a realidade pesquisada acompanhando seus movimentos e sentindo os efeitos em seu corpo e sua alma. Foi com essa inspiração que acompanhamos o movimento do currículo na Escola indígena Nütajensu.

Como aportes teóricos, utilizou-se Alves (2011); Barros (2018); Brasil (2018); Deleuze (2006); Deleuze & Guattari (1995; 2006); Maldonado (2017); Maldonado e Souza (2016); Pinho e Maldonado (2021), Silva (2019).

O estudo viabilizou compreender como o currículo é constituído, pensado e praticado na Escola Municipal Indígena Nütajensu.

Palavras-chave: Currículo. Infância indígena. Escola

Desenvolvimento

Inicialmente, é preciso situar que os atos de presenciar o cotidiano na aldeia, de perceber os movimentos das crianças, desde o amanhecer até o entardecer, de ouvir silenciosamente os cantos de pássaros, movimentaram a concepção de currículo hegemônica e compuseram um jeito singular, único, peculiar de concebê-lo a partir dos encontros com a infância indígena Katitãuhlu.

Surgem algumas inquietações na esteira dessas discussões como, por exemplo, qual currículo é apresentado na escola das crianças Katitãuhlu? Trata-se de um currículo praticado, pensado para quem e por quem? Pelas crianças? Pelas professoras? Pela comunidade?

De posse desses questionamentos, reconhece-se que pensar no currículo que movimenta a escola da aldeia requer que se pense na constituição das identidades das crianças que frequentam a escola.

Para Alves (2011), os praticantes dos cotidianos escolares trazem, para cada ação pedagógica, bordados de sua cultura e de sua memória, oriundos de outros espaços e tempos, de outras escolas e de outros cotidianos nos quais vive (ALVES, 2011, p. 130).

Ao compor a cartografia dos movimentos da infância Katitãuhlu, foi possível presenciar ocorrências acentuadas sobre como ocorre a relação da criança com seu ambiente, consigo mesma, com os animais, com o outro diferente dela e que tais fatos possibilitam pensar o currículo desse cotidiano. Nesse sentido, Maldonado (2017) contribui com o estudo cartográfico de população ribeirinha, a partir do qual esse currículo, naquele ambiente em que acontece, se movimenta na medida em que se ausenta da zona de conforto de um currículo engessado, transcendente, tornando-se um convite a perceber que

[v]er a experiência que ‘acontece’ todos os dias no espaço ribeirinho, como possibilidade de vida sem as amarras da rede disciplinar que nos atinge a cada dia, pode nos trazer momentos de riso, ao olharmos para trás e vermos o quanto nos esforçamos para criar algo que coloca barreiras cotidianas para enxergar a beleza e a leveza do mundo que nos cerca (MALDONADO, 2017, p. 18).

Um exemplo de um currículo habitado no transcendente é aquele proposto na Base Curricular Nacional (BNCC), publicada pelo Ministério da Educação (MEC), que normatiza o currículo da Educação Básica a nível Nacional. Isso porque, por meio dela, erigiu-se o DRC/MT (Documento de Referência Curricular) publicado em 2018, no qual parece não haver uma proposta de diálogo para educação escolar indígena, ou seja, a proposta se mostra engessada, homogeneizada e homogeneizante.

Dialogamos, neste espaço, acerca de uma outra maneira de conceber o currículo, aquele não engessado, não aparente, que se movimenta no dia a dia das crianças da Escola Indígena Nütajensu em seus movimentos nos/dos/ com os cotidianos.

Participamos da aula com uma das professoras indígenas da escola, que trabalhou o

poema de Manoel de Barros (2018, p. 58) “Achadouros da infância”.

A poesia trabalhada pela professora abriu um espaço para que percebessemos a maneira como as crianças experienciam o seu tempo. Foi possível perceber uma singularidade no trato com o tempo ali. Trata-se de um tempo mais lento, onde cada palavra do poema abriu um espaço-tempo de descobertas, de vivenciar intensamente o momento, a natureza, os espaços, experimentando-os, inventando mundos, seres animados e inanimados, palpáveis e não palpáveis.

O tempo experienciado junto às crianças e a professora oportunizou encontros inusitados, que levaram a problematizar a maneira hegemônica de conceber currículo. Isso porque tal ação culminou em encontros com situações inusitadas, desconhecidas e problematizadoras de infâncias e currículos. Assim, a criança que inventa um balanço nas árvores com o cipó natural e que se movimenta em seu ambiente “nos leva a conhecer que a infância é infinita e ilimitada” (MALDONADO & SOUZA, 2016, p. 314).

A atividade desenvolvida pela professora com o poema oportunizou ver e perceber o movimento do currículo de fora para dentro da escola. Percebemos como as crianças trazem para o cotidiano da sala de aula os seus mundos culturais, a interação com a natureza, com os animais, com as represas, as trilhas as matas densas, o cerrado. Com essa atividade, acompanhamos o desenvolvimento de um currículo imanente fluindo, se abrindo, se entrelaçando e movimentando-se naqueles espaços-tempos.

Desse modo, a partir da atuação da professora, foi possível perceber que a música tocada, cantada e sentida pelas crianças, narrava histórias conhecidas pelas crianças, acerca de suas vivências, dos seus encantos, dos seus cantos, e até dos seus prantos, conforme narrou a professora

Eu gostei muito desse trabalho. Eu trabalhei o livro desse poeta, professora, Manoel de Barros. Então, nosso povo gosta de música, você conhece. Aí quando mostrei pra eles aquela música “Bernardo”, olha, criança gostou muito. Todo dia elas queriam ouvir a música. Até que aprenderam cantar muito. A gente leu essa música todos juntos, nós saímos e fomos cantar lá fora. Todo dia elas eles pediam pra cantar quando começava a aula (TK, 2022).

Durante as aulas, as crianças produziram, por meio de representações pictóricas, a música “Bernardo”. Desse modo, expressaram como a música reverberava em suas ações cotidianas; conseguiram ver o seu cotidiano representado no poema e o resignificaram. Quando se depararam, na música, com o Araquã, um pássaro conhecido por elas, logo passaram a relatar: “Professora, esse aí aqui tem, eu já vii, ele é bem bonito. Nome dele na nossa língua é alalotsu” (GK, 2022).

Dessa forma, as aulas foram desenvolvidas com a participação ativa das crianças, que solicitavam repetições daquela aula, principalmente da música “Bernardo”.

A professora explicou que a repetição é uma das metodologias de aprendizagem no cotidiano da aldeia. Esse fato é percebido pelo filósofo Gilles Deleuze (2018), em sua obra

Diferença e repetição, porque, segundo ele, é na repetição que a diferença acontece. Mas qual diferença? A diferença subjetiva. É na repetição que a identidade se constitui.

A narrativa abaixo da professora expõe a metodologia de aprendizagem indígena dos Katitãuhlu.

Então, professora, eles querem assim na aula. A gente sempre aprende com nossa mãe assim. Quando ensina fazê balaio repete muito até aprender, cada pedacinho. Nossa mãe tem paciência, por isso eu tem paciência pra ensiná criaçada aqui na escola. Música também, porque nossa música é só pedacinho de letra de frase, mas a gente fica repetino muito até que aprende sozinho cantá. Por isso que as crianças tá pedino assim aqui também esse música Bernardo, eles gosta pra aprendê (professora indígena, AK, 2022).

Nesse sentido, as aulas permitiram perceber esses locais de aprendizagem, os quais perpassam seus corpos, constituindo-os enquanto seres singulares que aprendem enquanto brincam, aprendem enquanto trabalham na roça, aprendem observando, aprendem repetindo quando observam seus familiares em seus afazeres e aprendem enquanto cantam seus repertórios ancestrais, bem como considera-se as histórias que os anciãos contam.

Desse modo, ter um olhar atento ao cotidiano abre oportunidades para novas criações, para novas abordagens que só a experiência vivenciada no tempo *da criança katitãuhlu* permite, pois, “o cotidiano é repleto de criações, de possibilidades outras” (PINHO & MALDONADO, 2021, p 03).

A partir dessa pesquisa foi possível problematizar a concepção hegemônica de currículo. Quando escutamos o grito da criança que insiste “*olha, professora*”, como se esta estivesse a dizer “*vem aprender conosco*”, percebemos que o currículo hegemonicamente constituído tem muito a aprender com a realidade daquelas crianças. Percebemos que o currículo se movimenta junto com o corpo da criança, da vida dela, por meio de diálogos atemporais, estabelecidos justamente no tempo das crianças indígenas, que difere do tempo ocidental.

Conclusões

Observamos que o currículo prescrito para que a escola indígena desenvolva não tem sentido e significado para aquelas crianças. No entanto, quando a professora desenvolve suas atividades trazendo o mundo cultural das crianças para dentro da sala de aula, a escola se expande, sai dali e rompe com o currículo prescrito. O currículo se torna movimento.

Nesse sentido, concluímos que o currículo praticado na escola é resultado, como alerta Silva (2019), de relações de poder. Mas, percebe-se um poder microfísico, microscópico nas escolhas feitas pela professora. Um poder que traz um Poema de Manoel de Barros e sua musicalidade para encantar as crianças, e envolvê-las com seu mundo cultural.

Esta pesquisa nos mostrou como os professores criam currículos mais imanente

cotidianamente, mais repleto de sentidos e de significados que movimentam a vida das crianças. Assim, a transcendência vai ganhando menos espaço e a imanência vai produzindo efeitos e transformando vidas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda Guimarães. **Projeto de Pesquisa: Redes educativas, fluxos culturais e trabalho docente – o caso do cinema suas imagens e sons**. Financiamentos CNPq, FAPERJ e UERJ. 2011.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

DELEUZE, G. (1968) **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

MALDONADO, M. M. C.; DE SOUZA, E. **SABERES FAZERES DO COTIDIANO: o currículo na/da escola do campo ribeirinha**. Revista Espaço do Currículo, [S. l.], v. 9, n. 2, 2016. DOI: 10.15687/rec.v9i2.29929. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec/article/view/29929>

MALDONADO, M.M.C. **Espaço pantaneiro: cenário de subjetivação da criança ribeirinha**. Curitiba: CRV. 2017.

PINHO, R. L; MALDONADO, M. M. C. **CARTOGRAFANDO CURRÍCULOS: Crianças e suas fabulações audiovisuais cotidianas**. Revista Espaço do Currículo, v. 14, n. 3, p. 1-16, 2021. Acessível em : <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rec/article/view/60715/34928>

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade; uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019, 156 p.